

“A “SOCIEDADE PARANAENSE DE MATEMÁTICA”  
(SPM), com sede nesta cidade onde foi fundada tem por finalidade  
prescípua estimular e manter um interesse ativo pela matemática e suas  
aplicações, bem como incentivar a pesquisa e contribuir para o  
aperfeiçoamento neste ramo da Ciência”.

Diário Oficial do Estado do Paraná, N° 218, Ano XLI, de 03 de  
dezembro de 1953



## ORIGENS

Falar sobre a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM) para mim é um prazer e ao mesmo tempo é muito, muito difícil... Na simplicidade da Ciência no Paraná nos anos 50 do século passado, essa Sociedade teve um papel enorme, inclusive contribuindo para mudar a própria mentalidade que imperava na cultura matemática e na cultura paranaense em geral.

Naquela época, talvez por influência de Augusto Conte, achava-se que, em Matemática, só se poderiam desenvolver técnicas de ensino e contribuir para o ensino da Matemática, jamais, ou muito dificilmente, no tocante à pesquisa, de modo a criar novas idéias, demonstrar novos teoremas.

Quando o professor Rémy Freire veio para Curitiba, por volta de 1950, a sua vinda injetou sangue novo para a própria Universidade Federal do Paraná e para a cultura paranaense. Ele, criando a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM), incentivando o estudo em Matemática, a publicação e a indagação no âmbito matemático, realmente deu um impulso enorme para o desenvolvimento da Ciência no Brasil e, em particular, em Curitiba. Vários jovens participaram da fundação da Sociedade e nos desenvolvimentos posteriores. Eu me lembro de velhos professores, pessoas como, por exemplo, o professor Valdemiro Teixeira de Freitas, Olavo Del Claro, Jose Bittencourt de Paula e outros; e dos jovens que, naquela época, estavam muito interessados em Matemática, em pesquisa na área de Matemática. Lembro-me de Jayme Cardoso, Leo Barsotti e Zélia Milléo Pavão. Eu mesmo fui muito influenciado pelo Rémy Freire, e a Sociedade Paranaense de Matemática trouxe para mim um novo alento. Acho que a minha carreira matemática deve-se em boa parte as minhas atividades durante vários anos junto com Rémy Freire e o grupo da Sociedade Paranaense de Matemática. Uma das coisas mais importantes que a Sociedade Paranaense de Matemática trouxe foi a contribuição para a renovação do ensino da Matemática em Curitiba e de modo geral no Paraná. São numerosos os jovens de várias localidades, a cerca ou afastados de Curitiba, que desenvolveram seus estudos matemáticos e que tiveram sua carreira matemática afetada pelas publicações da Sociedade Paranaense de Matemática.

Por outro lado, e isso é uma coisa importantíssima, por iniciativa de Rémy Freire, que foi a alma, a marca da Sociedade Paranaense de Matemática, vários professores foram convidados para ir ao Paraná e contribuir no desenvolvimento da Matemática. Foram convidados, por exemplo, Maria Laura Mousinho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Elon Lages Lima, também do Rio, para iniciarem o desenvolvimento da Matemática lá. E muitos professores estrangeiros, especialmente o professor Marcel Guillaume, que no começo dos anos 1960 esteve em Curitiba e que iniciou, com o grupo de Curitiba, um trabalho que

durou 40 anos. Até hoje tenho excelentes relações com esse professor, com quem sistematicamente me encontrava na França e no Brasil; e ele foi uma das pessoas que mais me influenciou.

Então, a criação da Sociedade Paranaense de Matemática, em particular com relação à paralização e à estagnação da Matemática no Paraná que havia na época, e da ciência no Paraná, foi uma coisa extraordinária.

Acredito que fazer um estudo sociológico e cultural da situação do Paraná naquela época, no tocante à ciência e à cultura, e o papel extraordinário da Sociedade Paranaense de Matemática, daria uma tese muito interessante, inclusive poderia originar teses em Sociologia e em outras áreas do saber, porque o ambiente curitibano e as reações contra e a favor da Sociedade constituem matéria-prima, inclusive para um sociológico. Então você deveria fazer um estudo detalhado de vários aspectos culturais do Paraná, aspectos que podem ser generalizados para grupos sociais e culturais.

Olhando de modo mais restrito, uma das coisas que me chamou muito a atenção foi a atração que a Sociedade exerceu sobre jovens estudantes daquela época, ou logo depois. Eu era professor do Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná e vários estudantes se aproximaram dos nossos seminários, participaram das reuniões, foram influenciados por pessoas, não só do Brasil, que foram convidados, como do exterior, e isso contribuiu, dentro de certos limites, para um pequeno desenvolvimento da Matemática, não só no Paraná, mas no Brasil em geral.

A Sociedade Paranaense de Matemática é algo de grande importância, especialmente por ser uma Sociedade Científica. O nosso país sempre foi meio literário, com uma verve literária muito grande. Gostam-se de escritores, de poetas, de historiadores, digamos, mas Ciências Exatas, especialmente pesquisa em ciências exatas, é uma coisa que afasta, ou que naquela época afastava os brasileiros em geral, e especialmente em Curitiba, onde o atraso era patente.

Então a Sociedade Paranaense de Matemática, como uma sociedade científica, influenciou vários grupos, inclusive grupos de Física, pessoas que posteriormente fundaram Sociedades. E houve também um intercâmbio muito grande entre pessoas que se dedicavam às áreas mais variadas.

Por seu turno, as duas publicações principais da Sociedade Paranaense de Matemática, que eram o Anuário da Sociedade Paranaense de Matemática e o Boletim, tiveram uma influência muito grande no Brasil quase que inteiro. Eu me lembro que uma vez, viajando no Nordeste e no Norte do Brasil, encontrei volumes do Anuário e do Boletim, por exemplo, no Amazonas e no Ceará, e isso me surpreendeu enormemente. Quer dizer, naquela época havia

necessidade de um tipo de publicação como o Boletim, porque era principalmente voltado à divulgação da Matemática, no mais alto nível que a gente pudesse. Isso então é um trabalho, uma contribuição sumamente valiosa da Sociedade Paranaense de Matemática (SPM).

Outro aspecto que nós podíamos conversar consiste no seguinte: várias conferências que sistematicamente se assistiam nos cursos de extensão que eram patrocinados pela SPM. Por exemplo, o professor Rémy Freire, nos anos 1950, ministrou um curso de Teoria das Matrizes. Em Curitiba, isso era uma verdadeira novidade naquela época! O professor Elon Lages Lima também ministrou dois cursos, um sobre Espaços Métricos e o outro sobre Espaços Vetoriais. Então, era enorme a quantidade de jovens assistindo esses cursos. Eu me lembro também dos cursos da professora Maria Laura Mousinho, um sobre Teoria dos Grupos e outro sobre Anéis e Corpos, que também atraíram muitíssima gente, inclusive professores do ensino secundário e universitário. Foi um desenvolvimento enorme!

Vários outros professores..., de outras áreas, o professor húngaro John Kudar, que ministrou um curso sobre Mecânica Quântica, o primeiro curso desse assunto ministrado na Universidade Federal do Paraná. Um curso que teve uma assistência assombrosa, cerca de 50 pessoas foram assistir esse curso, ministrado em inglês. Foi o primeiro, ou um dos primeiros cursos ministrados em Curitiba em uma língua estrangeira. Então, foi algo interessantíssimo!

Muitos professores de Física, influenciados pela Sociedade Paranaense de Matemática, contribuíram para o desenvolvimento da Física. Eu me lembro do professor Hugo Kremer, falecido; já nos anos 1960 ele trouxe para Curitiba uma das grandes físicas francesas, a qual ministrou vários cursos na Universidade Federal do Paraná. E esse intercâmbio fez com que diversos professores curitibanos acabassem obtendo bolsas de estudos para ir à França e continuou trazendo alguns professores franceses para Curitiba. Então essa experiência foi extremamente rica. Quer dizer, a experiência nossa, que era um ambiente completamente isolado e de repente começam a aparecer franceses, húngaros, búlgaros e isso foi uma situação, uma experiência muito gratificante.

Outro aspecto importante do professor Rémy Freire, como eu disse, ele era uma marca da Sociedade na época, foi a insistência dele não só em Matemática Pura, inclusive ele gostava até de Lógica, mas principalmente em Matemática Aplicada. Ele acreditava que não era interessante desenvolver só Matemática Pura e, quando ele deu um curso de Teoria das Matrizes, insistiu extraordinariamente sobre as aplicações. Então, esse foi um outro aspecto muito positivo na atividade dele com o grupo, que nos unia, ter o mesmo nível, considerar do mesmo nível a pesquisa em Matemática Pura com a pesquisa em Matemática Aplicada. Só que evidentemente naquela época a pesquisa era muito pequena, quase não se fazia nada, mas foi o ponto de partida!

A Matemática Pura e a Matemática Aplicada, as aplicações da matemática, estão no mesmo nível, nunca ele distinguiu, por exemplo, que a Matemática Aplicada, a Estatística, digamos, fosse mais importante ou menos importante do que a Matemática Pura. Isso é algo extraordinariamente importante.

Outra coisa, sempre fez parte de sua influência um grupo de oito ou nove pessoas, vários jovens, como os professores Jayme Cardoso, Leo Barsotti e outros com mais idade, que se interessavam por Fundamentos da Matemática, a Axiomatização da Geometria, Lógica Matemática, Teoria dos Números. O que, na época, se fazia no exterior foi trazido para o nosso grupo através de conferências, livros que a Sociedade recebia; e isso é uma coisa importante sobre a qual eu já vou insistir; através de intercâmbio que a SPM tinha com seu Anuário e seu Boletim. Na realidade, houve época em que a gente fazia intercâmbio com mais de cem revistas estrangeiras, inclusive algumas revistas extremamente caras, como a *Zentralblatt Für Mathematik*, uma revista de crítica matemática absolutamente essencial para um grupo que está querendo partir para a pesquisa em Matemática.

Esse é outro aspecto. A pessoa vai dizer: “mas para que publicar a revista de matemática?” Não vamos falar especificamente sobre isso, mas o aspecto prático é o seguinte: um intercâmbio enorme foi efetivado a partir do Boletim e do Anuário da Sociedade Paranaense de Matemática. Além do mais, o *Mathematical Reviews* reviu nossos jornais, nossas revistas, foram dados números para eles e sistematicamente tudo que se publicava no Boletim e no Anuário era revisado no *Mathematical Reviews* e isso começou a nos deixar extremamente contentes porque nós víamos as coisas que o grupo estava fazendo, por menor que fossem, eram recebidas com certo apoio e interesse no exterior. Então a publicação dessas revistas, contrariamente ao que muita gente achava, que era supérflua e desnecessária, foi absolutamente essencial!

E mais do que isso, um professor do Rio de Janeiro, por exemplo, que naquela época era o maior matemático brasileiro, Leopoldo Nachbin, sistematicamente nos enviava, pedia para os seus colegas nos Estados Unidos e de fora, artigos de divulgação que eram por nós traduzidos e publicados no Boletim. Eu me lembro de um artigo, o primeiro sobre Bourbaki, que apareceu no Brasil, foi exatamente a tradução de um artigo desse grupo matemático feita pelo professor Ulisses Carneiro, que dá uma descrição muito bonita da obra bourbaquista. Bourbaki foi conhecido no nosso grupo, no Paraná, e talvez em outros Estados, com exceção de São Paulo e do Rio, através das traduções que fazíamos dos trabalhos de André Weil, de Dieudonné e do próprio Bourbaki. Então eu acho que essa divulgação, especialmente com relação ao Boletim, foi sumamente importante, e como eu disse, mesmo que muita gente de fora achasse que isso não tinha sentido, eu acho que era falta de visão, porque não é possível a

pessoa imaginar uma coisa mais fecunda do que o Boletim; pelas conseqüências direta e indireta que exerciam nos contornos.

É claro que também a Sociedade contribuiu enormemente para melhorar a Educação Matemática no Paraná. É óbvio que a publicação foi pequena, a influência foi se fazendo aos poucos, e hoje faz muito tempo, eu não estou mais lembrado, não tenho certeza de como isso continua.

Acho também uma coisa excelente, absolutamente fundamental o que aconteceu com a Sociedade Paranaense de Matemática deixando Curitiba; está tendo seu Boletim e praticamente todas suas atividades desenvolvidas na Universidade Estadual de Maringá. Eu acho que essa foi uma grande vitória, inclusive para mostrar que no Paraná já existem outros centros sensatos além de Curitiba. Talvez até com maior desenvolvimento em Matemática do que acontece em Curitiba.

A Sociedade Paranaense de Matemática também publicou vários livros, as Monografias de Matemática, e todas essas publicações são sensacionais. Publicou, por exemplo, a tradução da Teoria dos Conjuntos do Spanier, que é uma tetéia de livro, uma beleza! A tal ponto de eu ter encontrado gente de norte a sul, leste, oeste do Brasil que estudou a Teoria dos Conjuntos e Espaços Métricos pelo livro do Spanier. Outro livro muito bom, traduzido pelo professor Leo Barsotti, foi o livro do Courant sobre funções analíticas, um excelente livro, um minicurso genial feito por esse grande matemático na época, o Courant. O Livro do Lafon sobre Álgebra Homológica e vários outros livros; e as Monografias de Matemática, as várias monografias interessantíssimas, por exemplo, eu me lembro da monografia do professor Haroldo Costa, meu irmão, sobre os fundamentos da geometria, axiomatização da geometria, e que ele defende que, do ponto de vista didático, a melhor fundamentação que há, que é uma coisa com a qual eu concordo, é a fundamentação *a* Birkhoff, quer dizer, você logo de saída introduz distância, torna ângulo, medida de ângulo, torna tudo muito mais fácil! Axiomáticas como Hilbert e outros tipos de axiomáticas são praticamente impossíveis de serem dadas na escola secundária, especialmente hoje. A única exequível é a de Gödel, com alguma modificação, nas suas origens, da axiomática de Hilbert.

Então a influência foi incrível, inclusive, novamente eu insisto, em vários lugares do Brasil. Hoje em dia uma revista como o Boletim, que tenha havido divulgação, que continha crítica de livros, análise de livros publicados no exterior... hoje isto está um pouco em desuso, é quase que desnecessário, tendo em vista a Internet. Hoje qualquer coisa que você queira, praticamente você pode obter via Internet, mas naquela época não havia isso. Então eu acho que aquilo foi um milagre sob certos aspectos, uma das grandes realizações feitas no Brasil e que é pouco conhecida, surpreendentemente pouco conhecida, e é quase um milagre ter o

Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática em um país como o nosso! E a cultura científica é meio deixada de lado, e ainda pior, a rivalidade entre vários grupos é incrível, é pior que canibalismo; e esse Boletim continua até hoje! O último volume acaba de ser publicado pela Universidade Estadual de Maringá. Uma coisa que tem mais de 50 anos!

Então é uma história heróica, é como a história dos desbravadores, dos bandeirantes desbravando o Brasil, ou dos americanos desbravando o “faroeste” americano. Então qualquer elogio que se faça à SPM e aos principais propugnadores da Sociedade é pequeno. Naturalmente a gente podia pensar em diversos outros aspectos das realizações da Sociedade, mas na verdade o que é surpreendente é que essa Sociedade, depois de todas as vantagens e por tudo que ela trouxe, chegou a certo momento em que o individualismo e o desinteresse... que é uma coisa comum no Brasil, não se voltassem para a Sociedade.

Durante certo tempo, praticamente a única pessoa que levava a Sociedade, que mantinha a Sociedade viva, era o professor Clóvis. Ele, qual novo Jesus, conseguiu salvar a Sociedade. Uma obra inacreditável! Continuava, com todas as dificuldades, publicando os Boletins, o intercâmbio internacional, apesar de, praticamente, levar isso sozinho.

Então surge novamente um aspecto interessante da cultura e da psicologia do curitibano e do brasileiro em geral, o extremo individualismo! O brasileiro parece que não sabe colaborar em sociedade. Cada um chuta a bola para um lado, quando na verdade o poder, o progresso etc., depende de uma estrutura social sensata. Então, isto estando à margem da SPM, é mais difícil. Tem outro aspecto, por exemplo, exatamente esse individualismo nefasto que é característica do brasileiro. Isso é muito ruim. Não é uma coisa sensata!

Eu sugiro até o seguinte: pegue a Sociedade Paranaense de Matemática como uma entidade sociológica, estude o que aconteceu. Você terá um órgão social do qual se pode fazer um estudo social e cultural, e tirar conseqüências interessantíssimas, inclusive para o próprio Brasil. Eu acho que os traços novos da cultura brasileira se refletem inclusive localmente em várias atividades da SPM. A falta de apoio, alguns centros maiores, por exemplo, em vez de quererem ajudar a SPM, queriam destruí-la. Destruir sua obra, suas publicações. Eu sempre pus a questão: mas por que isso? Quando, se tivesse uma sociedade matemática em cada capital do Brasil, isso seria excelente! Nos Estados Unidos, em qualquer canto tem alguma sociedade de algum tipo. Uma sociedade cultural, uma sociedade sobre amantes da física, da astronomia e tal... Aqui no Brasil se faz uma Sociedade dessa e todo mundo joga pedra. Pergunto: por quê? Qual é a característica da estrutura social brasileira que cada um joga pedra no outro?



Eu sempre costumo dizer o seguinte: se um brasileiro ganhar um Prêmio Nobel, os colegas da universidade, em vez de parabenizá-lo vão dizer: ‘mas como baixou o nível do Prêmio Nobel!’

Outra característica que na estrutura da Sociedade imediatamente salta à vista, é essa coisa... uma espécie de um complexo de inferioridade do brasileiro, ao mesmo tempo, junto com uma espécie, uma coisa que parece contraditória, um aspecto de superioridade, ele é o tal, não precisa se incomodar com o que se faz na Alemanha, na China, nada disso; mas, por outro lado ele tem um medo enorme! Chega na China, já chega, meu pai me dizia, o “fecho éclair” da espinha curvando perante tudo, perante todos. Isso dá um novo aspecto, porque se a gente estudar a Sociedade Paranaense de Matemática, isto está claramente patente! O individualismo desenfreado, o complexo de inferioridade terrível que o brasileiro tem, a falta de organização social, as universidades, as outras sociedades culturais jamais auxiliaram, ou melhor, nunca auxiliaram muito a Sociedade Paranaense de Matemática.

E aí, quando a gente publica, eu não posso esquecer que uma vez levei um dos volumes do Boletim, no qual havia um ou dois artigos escritos em francês, e uma das autoridades da universidade perguntou: ‘Mas para que publicar artigo em francês? Ou o que foi escrito é bom e pode deixar em português que cedo ou tarde os franceses vão ler, ou não tem valor. Então para que publicar em Francês?’ Então, raciocínios desse tipo é que refletem aspectos interessantíssimos da nossa sociedade.

E no Brasil, geralmente dizem assim: ‘O Brasil, para ser um país de primeiro mundo, precisa desenvolver a educação’. Concordo e acho que a SPM contribuiu muito para isso. Mas eu digo o seguinte: só a educação não basta! Vocês pegam, por exemplo, um filósofo genial, como Heidegger. Heidegger era nazista! Vocês pegam dois prêmios Nobel, como Philipp Lenard e Johannes Stark, os dois eram nazistas extremos! Especialmente o Stark e Lenard pegavam seus discípulos e em toda conferência de Einstein apareciam para fazer perguntas, chateavam o Einstein e distribuía panfletos anti-semitas, especialmente contra Einstein. Ele publicou um livro “Cem Autoridades Contra Einstein”. A resposta do Einstein foi interessante: “se eu estiver errado, não precisava cem, porque bastaria um só, que gostaria de trabalhar!”. Então só educação não resolve nada!

Eu tenho pensado muito nesse ponto. Quer dizer, educação. Todos os políticos nossos nos chamam e dizem: “Precisa resolver a educação”. A educação é absolutamente necessária, mas não é suficiente! Eu não devia falar nisso agora, está meio fora do tema, mas eu queria fazer uma observação. Quando a gente fala em educação, todo mundo pensa, os políticos pensam que educação significa fazer escola, quando, na minha opinião, muito mais importante do que qualquer escola é a educação do lar. Eu tenho uma afirmação, que precisa

ser contextualizada, eu costumo dizer o seguinte: a única maneira de resolver esse problema no país é educando as mães. Sem educação no lar, sem exemplos bons do pai e da mãe, se a mãe ama a ciência, vibra com a ciência, ou o pai, normalmente o filho vai ter uma visão diferente do que, por exemplo, em uma família em que ninguém lê, não tenha livro, não tenha nada. Então a Sociedade Paranaense de Matemática contribuiu para a educação em geral e depois a gente conversa... Eu aprendi que educação com “E” maiúsculo começa em casa. E começa especialmente com a mãe. É a minha tese: ‘eduque as mães que o Brasil será um país de primeiro mundo’. Não adianta escola, universidade de primeira categoria se isso não ocorrer. Portanto, quando se fala em educação a gente não deve se referir somente às universidades, escolas técnicas, às faculdades, mas também às Sociedades Científicas e às Sociedades Culturais. Às vezes uma Sociedade Cultural é mais importante do que uma boa universidade. É sabido que na Inglaterra as conferências titulares da *Royal Society* é que fizeram com que, por exemplo, Faraday se dedicasse à ciência, e vários outros cientistas. Então, para desenvolver a ciência é preciso embutir certos tipos de valores, certos tipos de ideais, que só podem ser embutidos quando a criança começa a caminhar, a falar. Vai dizer: “não, mas assim todo mundo vai ser um Einstein!”. Não, não é isso! Mas é preciso que todo mundo, ninguém pode ser Einstein, mas pode contribuir, perceber a importância da ciência para a sociedade. Napoleão, por exemplo, já no começo do século XIX, costumava dizer que a gente mede o desenvolvimento de uma sociedade pelo desenvolvimento da Matemática nessa sociedade. Veja a visão desse político! Não obstante de alguma coisa de errado que ele possa ter feito, ele foi um político genial. Ele percebeu que precisava criar a Escola Politécnica, precisava fazer uma série de coisas, que só através do ensino, da pesquisa, da Matemática, da Física, da Engenharia é que se poderia ter uma França de primeiro mundo, a França dominando o resto da Europa! Como era mais ou menos a idéia de Napoleão.

Hoje, se vocês quiserem isso no Brasil, nós precisaríamos proliferar as Sociedades, tipo Sociedade Paranaense de Matemática, proliferar acesso à Internet, às publicações especialmente; surpreendentemente fazer com que as mães se interessem por essas questões, que vejam essas questões como importantes. Em um lar, onde os valores são pequenos, só pode condenar, só pode criar anões. Se vocês quiserem criar gigantes, desenvolvam a ciência. Desenvolvam uma filosofia de gigante!

Falando um pouco mais sobre a época da origem da SPM, o professor Remy Freire queria fazer em Curitiba, no Brasil, uma espécie de cópia, no bom sentido da palavra, da Sociedade Portuguesa de Matemática, até a sigla “SPM” pode ser lida como Sociedade Portuguesa de Matemática. Ele dava aula de Estatística nas Ciências Sociais. Quando o Remy Freire chegou ao Brasil, ele foi convidado pela USP para lecionar. Não sei quem da USP o

convidou. Provavelmente aquele grupo que estava organizando a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de lá, que aliás era uma beleza! Ele então estava em São Paulo, e o professor José Loureiro Fernandes, que era diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, o convidou sob condições muito boas. Naquela época o salário era excelente, na década de 1950, muito bom, e convidou – o dando mundos e fundos para ele vir ao Paraná. Quando ele chegou em Curitiba, a universidade era pequena, todo mundo se conhecia; logo, nós, como eu e vários outros, tomamos conhecimento do Remy, da existência dele. Ele era uma pessoa muito sociável, várias vezes o encontrei em festa, eu tenho fotografia, eu minha esposa e ele em um baile. Era uma pessoa muito dada, muito aberta, muito simpática. E aí começamos a conversar, ele conversou com várias pessoas e disse: “Por que nós não fazemos aqui uma Sociedade Paranaense de Matemática, semelhante à Sociedade Portuguesa de Matemática?”... E aí eu passei para ele, para Jayme Cardoso também, vários nomes dos figurões daquela época, dos catedráticos das cadeiras de Matemática, que eram várias na universidade, e eles foram convidados. Falou-se da Sociedade, de fazer uma Sociedade e tudo... É claro que algum desses catedráticos disse: “Ah por que isso?... Para quê?” Mas muitos deles acabaram participando! O Del Claro, o Valdemiro Teixeira de Freitas e outros acabaram participando. Então foi assim que nasceu! Ele veio, apresentou a idéia, e muitos jovens imediatamente, nosso círculo universitário era pequeno, então logo se soube da fala dele, era um sujeito muito dado, polido, muito simpático, e ele atraiu um grupo de cultores. “Então vamos fundar uma Sociedade!” “Vamos fundar uma Sociedade Paranaense de Matemática, com publicação”... ele mesmo disse “Vamos fazer intercâmbio com outras Sociedades.. lá em Portugal a gente permuta com Deus e todo mundo as publicações da Sociedade!”

Ele logo começou a vender volumes lá em Portugal, para a *Portugaliae Mathematica* etc.

Foi assim, ele chegou e eu acho que em cinco ou seis meses depois já estava fundando a Sociedade. Ele foi um verdadeiro pioneiro, no sentido americano do termo, como no “faroeste”. Então a atividade dele foi extremamente gratificante e importantíssima. Ele merecia um busto, na minha opinião, na Universidade Federal do Paraná. Pena que a influência dele não foi tão grande como deveria ter sido. Se ele pudesse ter influenciado mais, se a universidade fosse mais receptiva à pessoas, assim, abertas como ele, a Universidade Federal do Paraná teria, logo em seguida, uma outra feição. Por que a universidade sempre foi como a sociedade paranaense em geral, e esse aspecto você pode estudar, a própria análise da história da SPM foi sempre uma sociedade fechada. Ao vir um certo sujeito de fora, para querer mostrar uma coisa que ninguém conhece, há quase um século, não era uma coisa

comum. As características da sociedade, talvez naquela época, uma sociedade mais elitista, era absolutamente fechada. Essa é outra coisa que você pode estudar, inclusive os traços da sociedade paranaense, especialmente curitibana, nos livros do professor David Carneiro. É uma característica de todos serem refratários a mudanças. Todo mundo adorava o “status quo”. É quase uma Idade Média! É muito difícil de mudar; e, não sei, eu me afastei da Universidade Federal do Paraná, não sei se ele de fato deixou algum laço, não sei...

É lastimável, mas se ele... por exemplo, fizesse isso no Chile ou na Argentina, seria outra coisa! Eu conheço muito bem a Argentina, a sociedade argentina, há anos atrás, antes da derrocada militar, era uma beleza. O nível dos professores e dos alunos, infinitamente superior! O nível do professor médio argentino ou do argentino médio é infinitamente superior ao do brasileiro. O brasileiro é tonto perto do argentino, em certo nível. A mesma coisa no Chile! A Argentina tem quatro prêmios Nobel, o Chile tem dois. O Brasil não tem nada!

Aliás, eu queria dizer para você o seguinte, outra característica: nós não damos valor para as conquistas científicas. Para grandes realizações na parte de Ciências Exatas e nas aplicações da Ciência. Eu, um dia em uma reunião da Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada<sup>7</sup>, estava em uma mesa-redonda. Havia umas 500 pessoas lá e eu fiz umas críticas mais ou menos sérias sobre a sociedade brasileira, e me lembro que um dos presentes, se não me engano, o presidente do Seminário, me fez esse comentário: “Acho, professor, que o senhor está exagerando! Essa má vontade contra a ciência, contra os grandes valores culturais, isso não funciona. A gente admira a Física, admira tanta gente que está aqui”. A minha resposta foi a seguinte: “aqui nesta sala há cerca de 500 pessoas. Eu faço uma pergunta para vocês todos, professores universitários, estudantes... o diabo! O Brasil tem um prêmio Nobel? Algum de vocês sabe me dizer se isso é verdade?”. Ninguém sabia que o Brasil tinha um prêmio Nobel! Como é possível uma coisa assim? Como é possível o maior prêmio científico, o Brasil ter... e quinhentas pessoas não terem consciência disso! Mais do que isso, cassaram a cidadania desse professor! O professor Peter Medawar que revolucionou as técnicas de transplante em biologia fez coisas incríveis. Esse ‘cara’ nasceu em Petrópolis, foi fazer um curso na Inglaterra e não serviu, ou desertou do exército e o Gaspar Dutra cassou, segundo dizem, eu não tenho certeza, estou falando o que contam, cassou a cidadania dele. E ele se transformou em um dos maiores cientistas da Inglaterra. Se você pegar a Enciclopédia Britânica, tem muito artigo sobre ele e está escrito assim: “cientista inglês, nascido em Petrópolis, no Brasil”. Então o brasileiro não leva em conta isso! (Na sua análise, podemos

---

<sup>7</sup> Sigla: SBMAC

até dizer, veja esse fato, por que o Brasil é assim?) Por que os brasileiros não lutam pelos valores? Brasileiro luta por futebol, por terra, por coisas concretas, mas não luta por valores! Uma sociedade sem valor é uma sociedade morta! Como é possível isso?! Você tem um Medawar! Devia em toda universidade ter uma fotografia do Medawar. Vá plantar batata! O cara é prêmio Nobel brasileiro, diabo! Como é possível que você tenha a sociedade assim? De debilídeos, idiotas! Nos Estados Unidos, o povão é que nem o brasileiro, ou pior, hein! Mas as elites, as grandes universidades, eles sabem nas pontas dos dedos os prêmios Nobel. Se você entrar no Laboratório, por exemplo, de Química da Universidade da Califórnia em Berkeley, você olha lá e está dizendo: “olha, os nossos nove Prêmios Nobel”. Aqui, você arranca o nome, se amanhã puserem o nome de uma sala: “fulano de tal, prêmio Nobel”, eles tiram a plaqueta da porta! Esse é outro aspecto interessante... por que o Brasil é assim?

Não sei se você sabe, outro caso estranho. O Carlos Chagas foi o único caso da história da medicina em que o sujeito, observando a doença, detectou o parasita, e detectou o micróbio que causa a doença de Chagas. Estudou tudo de uma só vez! Devia receber o Prêmio Nobel. Pois tentaram fazer com que ele recebesse o Prêmio Nobel, e a Academia de Medicina do Rio de Janeiro, o diretor era aquele sujeito muito conhecido, cujo nome agora me falta, mandaram cartas e mais cartas à Comissão Nobel, dizendo que o Carlos Chagas era um impostor, que ele inventou a doença, que não tinha nenhuma doença, nem nada. Afrânio Peixoto era o cara! Se fosse nos Estados Unidos ou na Polônia, qualquer polaco que achasse idiota o cara que iria ganhar o Prêmio Nobel na pior das hipóteses não diria nada, mas apoiava.

E Lógica Paraconsistente, por exemplo, uma coisa que eu tenho a honra de ter feito. Na Polônia e na Rússia já começaram a aparecer várias pessoas que aparentemente, antes de mim, tiveram a idéia. Aqui no Brasil há várias pessoas dizendo que a idéia não é minha. Então você veja! Não estou dizendo que você procure tapear ou procure enganar, mudar a história! Mas, puxa! Não é possível que o país não conheça Medawar, não é possível que o País jogue pedras nos seus próprios colegas! Uma pessoa do Rio de Janeiro não fica alegre, quer jogar pedra em mim! Eu vou fazer todo o possível para nunca falar mal dos outros. Se eu tiver que falar mal, eu não falo. Se um francês perdeu o prêmio Nobel para outro, toda França protesta. Aqui, se um brasileiro perder o prêmio Nobel, todo mundo aplaude!

Então, veja bem, esse seu estudo, eu acho que você deve, não digo para fazer no seu doutorado agora, mas futuramente, se você der uma visão mais ampla, você vai descrever através dessa Sociedade, generalizando, mais ou menos o que é o Brasil e o que é preciso fazer para mudar isso. Por que o brasileiro é assim? Por que o brasileiro não pode ver um

colega se destacar no exterior? Você mencionou a inveja, mas inveja... se ele pudesse fazer aquilo. Às vezes o cara não pensa e chega lá em cima e diz: 'isso aqui é Matemática!'

\* \* \*

**NEWTON CARNEIRO AFFONSO DA COSTA**

**Depoimento em 12 de setembro 2006, na residência do depoente – Florianópolis,  
SC.**

## TRAÇOS DA SOCIEDADE CURITIBANA

“quanto mais sociológica a história se torna, e quanto mais histórica a sociologia se torna, tanto melhor para ambas”.  
Carr

A epígrafe acima nos instigou durante algum tempo... e só se tornou evidente em nossa investigação quando percebemos a necessidade de inserir nosso objeto de estudo em um referencial sociocultural.

O estudo da história de uma instituição acadêmica, em nosso caso particular, a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM), pode ser fundamentado tanto na História das Instituições quanto na História Cultural, e para esta última os trabalhos de Roger Chartier e Norbert Elias nos nortearão e serão objetos deste parágrafo. Quanto à história das instituições trataremos na próxima seção.

Assim, as palavras de Carr nos inspiram a pensar que quanto mais culturais se tornarem os estudos históricos, e quanto mais históricos se tornarem os estudos culturais, tanto melhor para ambos.

As explicações do comportamento de uma dada sociedade são formuladas por meio de um método, sustentado pela pesquisa científica, a qual permite que os instrumentos analíticos avancem na direção de um modelo interpretativo. Assim, ao longo deste capítulo procuramos mostrar que as construções culturais são instrumentos da história cultural, e em particular, da história social. Dessa forma, nesta seção esboçaremos um perfil da sociedade paranaense, especificamente da sociedade curitibana, nos finais da década de 1940, privilegiando o percurso das instituições culturais e das atividades cotidianas nos espaços urbanos.

Os estudos de Trindade e Andreatta (2001), também norteados por Chartier, nos orientam no sentido de identificar as práticas culturais exercidas por determinado grupo social, atentando para a maneira com que este se apropria dos bens culturais de um certo momento histórico. Segundo as autoras, não é, todavia, somente o nível de instrução da população que denota a existência de uma cultura urbana, mas sim a existência de atividades inerentes ao exercício das sociabilidades.

No caso das Sociedades Científicas, podemos destacar algumas atividades tais como a programação de eventos científicos e/ou culturais, como cursos de extensão, concurso de trabalhos científicos originais, programação de palestras e conferências, feiras de livros, dentre outras.

Roger Chartier (1990), desde os finais dos anos 1980, também questionou a compartimentalização das investigações históricas em estudos sociais, econômicos, políticos e culturais, derivada da noção de que a história está sedimentada em níveis distintos. Para este autor, as experiências culturais e intelectuais de uma sociedade não denotam um nível separado da experiência social, porém são partes integrantes da realidade histórica. O autor propõe uma mudança na abordagem dos estudos históricos: “de uma história social da cultura para uma história cultural da sociedade”. Ele apresenta essa fórmula como descrição de certos “deslocamentos” de interesse por parte de historiadores na década de 1980, especialmente o distanciamento com relação à história social no sentido “duro”, do estudo de estruturas como as classes sociais. A idéia da “história cultural da sociedade” revela a influência, sobre a Nova História Cultural, do movimento do “construtivismo” na filosofia e em outras disciplinas, da Sociologia à História da Ciência<sup>8</sup>.

*“Aquilo que os historiadores aceitam como estruturas sociais objetivas devem ser vistas como socialmente construídas, já que a sociedade em si mesma é uma representação coletiva” (TRINDADE E ANDREAZZA, 2001).*

Desse ponto de vista, “as relações econômicas e sociais não seriam anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos da prática cultural e produção cultural – o que não pode ser dedutivamente explicado por referência a uma dimensão extracultural da experiência” (HUNT, L., 1992, p.9).

No entanto, observemos que tratamos acima de sociedade, ou grupo social, de maneira muito natural, acreditando que seu significado é inerente a seu uso. E dessa forma a usamos corriqueiramente, todavia, questionamos se realmente entendemos seu significado.

A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Contudo, reportando-nos a Elias, uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha, por exemplo.

Segundo Elias (1994), temos uma certa idéia tradicional do que nós mesmos somos como indivíduos, e temos uma certa noção do que queremos dizer quando dizemos “sociedade”. Procuramos o bem estar de ambas, ou seja, nosso bem estar enquanto indivíduo e o do grupo no qual estamos inseridos. Entretanto, para este autor, só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito. Em nosso estudo,

---

<sup>8</sup> Peter Burke, em *O Que é História Cultural?*, p.99.



os indivíduos que compõem certo grupo social, no caso a SPM, também estão inseridos em uma sociedade, no caso, a população curitibana. Dessa forma, elencar algumas características de ambas se fazem necessárias para interpretarmos ações desses indivíduos ou grupo.

*“Considerados num nível mais profundo, tanto os indivíduos quanto a sociedade conjuntamente formada por eles são igualmente desprovidos de objetivo. Nenhum dos dois existe sem o outro. ... “A sociedade é o objetivo final e o indivíduo é apenas um meio”, “o indivíduo é o objetivo final e a união dos indivíduos numa sociedade é apenas um meio para seu bem-estar”- eis os gritos de guerra que os grupos em confronto brandam um ao outro, no contexto de sua situação atual, com as pressões e interesses que lhe são transitórios” (ELIAS, N., 1994, p.18-19).*

Buscando encontrar traços para descrever a sociedade curitibana nos finais dos anos 1940 deparamo-nos com movimentos que tiveram suas origens em décadas anteriores e alguns elementos de grande importância nas décadas de 1920 e 1930 e que vieram a consolidar um movimento para a emancipação do Estado do Paraná, conhecido como Paranismo:

*“Conduzido, dentre a intelectualidade paranaense, por um grupo que cultuava e divulgava a história e as tradições da terra, o Paranismo incentivou a construção de uma idéia de identidade regional, impregnada pela crença no progresso e no desenvolvimento social que foram característicos da Primeira República” (TRINDADE, E.M.C., 1997).*

O nome do historiador e literato Romário Martins aparece como o grande construtor desse movimento. Dentre seus escritos ressaltamos:

*“Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore” (MARTINS, R. Mensagem do Centro Paranista ao Presidente do Estado Dr. Affonso Camargo, 1927).*

Esse movimento marcou o Estado nos anos 1920, avançando até 1940 com menos impulso em função do regime autoritário e centralizador de Getúlio Vargas, que não via com bom olhos um movimento regionalista, este, em particular, marcado pela oralidade.

Importante é salientar que esse movimento contribuiu para a formação das sociedades subsequentes, e dessa forma permite entendermos comportamentos e posições adotados por indivíduos que compõem nosso estudo. E assim inquirimos: “Como é possível que a

existência simultânea de muitas pessoas, sua vida em comum, seus atos recíprocos, a totalidade de suas relações mútuas dêem origem a algo que nenhum dos indivíduos, considerado isoladamente, tencionou ou promoveu, algo de que faz parte, querendo ou não, uma estrutura de indivíduos interdependentes, uma sociedade?” (ELIAS, N., 1994, p.19).

Este próprio autor nos afirma que, como no caso da natureza, seria bom se só pudéssemos esclarecer nossos atos, nossas metas e nossas idéias do que deve ser se compreendêssemos melhor o que existe, as leis básicas desse substrato de nossos objetivos, a estrutura das unidades maiores que formamos juntos. Para o autor, só assim estaríamos em condições de fundamentar a terapia dos males de nossa vida em comum em um diagnóstico seguro.

Nos atentemos então à cidade de Curitiba, a qual atraiu, na década de 1930, e nas décadas subseqüentes muitos estudantes, que chegavam de todos os pontos do Estado e do país, congregando-se em torno de sua universidade, a qual retrataremos mais abaixo, e de vários centros artísticos e culturais.

*“Os personagens que desfilam nestas páginas, são os novos moços, que chegam em sua maioria de outros Estados, de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, bem como Mato Grosso, Paraíba, enfim do Brasil inteiro e alguns procedentes do exterior, isto porque não há vagas nas Universidades mais próximas e mesmo porque a fama de Curitiba como cidade universitária já alcançou todas as fronteiras do país. (...) Em Curitiba notamos todos os elementos característicos de uma cidade de estudantes. Participam ativamente em todos os setores de sua vida – animam as diversões, o comércio dependem deles em grande parte, as reuniões sociais que eles promovem, enfim, se os estudantes deixassem Curitiba, a cidade perderia seu colorido, sua vivacidade e sua fama de uma das capitais mais cultas do país, ou melhor, de ser a única cidade universitária do Brasil” (Revista Guaira, n.15, Curitiba, Junho de 1950, p.45).*

Outro fator marcante na cidade de Curitiba foi a presença da Igreja Católica. Esta se fazia sentir presente na moral conservadora que permeava a sociedade paranaense. Além disso, a Igreja Católica obteve autorização do governo para introduzir nas escolas públicas o ensino religioso facultativo.

Com relação ao Ensino Superior, a presença da Igreja também aparece, por meio dos Irmãos Maristas que atuavam na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, e particularmente nessa instituição foi constituído o primeiro curso, no Paraná, de formação de professores de Matemática.

Essa instituição foi fundada em 26 de fevereiro de 1938, e em sua fase inicial teve um curso anexado, o Instituto de Educação. O curso de Matemática da Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras do Paraná, conforme Clóvis Pereira da Silva, recebeu autorização para funcionar em 1940, pelo Decreto nº 6411 de 30/10/1940; entretanto, na Ata da Reunião do Conselho Técnico Administrativo da Instituição de 22/12/1939 encontramos a aprovação da abertura de exame vestibular para o curso de Ciências Matemáticas. Muitos dos primeiros professores que atuaram nesse curso também fizeram parte da fundação da Sociedade Paranaense de Matemática. Por exemplo, o Professor Valdemiro Teixeira de Freitas, primeiro Presidente da SPM, que era da faculdade de Engenharia, foi contratado para reger a cadeira de Estatística Geral e Aplicada. Outros professores que se filiaram a SPM à época de sua criação, como Flávio Suplicy de Lacerda, Algacyr Munhoz Maeder, José Bittencourt de Paula, também aparecem como docentes do curso de Matemática dessa instituição.

Na próxima seção enfocaremos as instituições de ensino superiores, especialmente a criação da Universidade do Paraná, e trataremos um pouco mais dessa Faculdade.

Entre 1950 e 1960, a capital paranaense objetivava projetar-se no plano nacional. Para isso, algumas ações em nível estadual se fizeram necessárias para que a capital paranaense tivesse projeção nacional.

Em 1953, o então governador Bento Munhoz da Rocha Neto definiu que Curitiba deveria ser o pólo cultural do Estado. Várias foram as iniciativas para tal intento, porém, apesar do empenho do Governo em modernizar os espaços urbanos a exemplo de Curitiba, as outras cidades paranaenses viviam às voltas de comportamentos “não condizentes” com os que deveriam ser praticados na capital, segundo o modelo implementado para a capital expresso no Código de Posturas e Obras do Município de 1953. Destacamos, do trabalho de Trindade e Andreazza, o Artigo 879:

“Da Moralidade e Sossego Públicos”- proibia a emissão de ruídos de motores, buzinas e fogos de artifício *com o objetivo de preservar os padrões morais, manter o bem estar e resguardar o sossego e segurança da coletividade*. Assim como ficava proibida a exposição para venda de *gravuras, livros ou escritos obscenos* e de anúncios que contivessem *expressões ou ditos injuriosos a autoridades, ou a moralidade pública*.

Notamos uma preocupação do Estado com relação ao comportamento dos indivíduos que compõem sua sociedade. Não obstante entendemos que esse comportamento também diz respeito às práticas desenvolvidas por esses sujeitos, as práticas culturais.

*“Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo”*  
(HUNT L., 1992, p.25).

Essas representações são niveladas pela individualidade de cada pessoa que compõe “sua” sociedade. Aqui entendendo “individualidade” no sentido de Elias, qual seja, uma peculiaridade de suas funções *psíquicas*, uma qualidade estrutural de sua auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas. “Individualidade” é uma expressão que se refere à maneira e à medida especiais em que a qualidade estrutural do controle psíquico de uma pessoa difere da outra.

*“A sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual. O grau variável de individuação entre os membros de grupos e camadas diferentes mostra isso com bastante clareza. Quanto mais diferenciada a estrutura funcional de uma sociedade ou de uma classe dentro dela, mais nitidamente divergem as configurações psíquicas da cada uma das pessoas que nela crescem. No entanto, por diferente que seja o grau dessa individuação, certamente não existe nenhum ponto zero de individuação entre as pessoas que crescem e vivem numa sociedade. Em maior ou menor grau, as pessoas de todas as sociedades que nos são conhecidas são individuais e diferentes umas das outras até o último detalhe de sua configuração e comportamento, e são específicas de cada sociedade, ou seja, são formadas e ligadas, na natureza de sua auto-regulação psíquica, por uma rede particular de funções, uma forma particular de vida comunitária, que também forma e liga todos os seus outros membros. Aquilo que muitas vezes é conceitualmente separado como duas substâncias diferentes, ou duas camadas diferentes dentro do ser humano – sua “individualidade” e seu “condicionamento social” -, não passa, na verdade, de duas funções diferentes das pessoas em relações recíprocas, nenhuma das quais pode existir sem a outra. Trata-se de termos referentes à atividade específica do indivíduo em relação a seus semelhantes e a sua capacidade de ser influenciado e moldado pela atividade destes; referem-se à dependência que os outros têm dele e a sua dependência dos outros; são expressões de sua função de matriz e moeda” (ELIAS, N., 1994, p.56).*

Elias nos enseja a refletir também sobre o crescimento da especialização das sociedades, asseverando que a trajetória do indivíduo a caminho de se tornar uma pessoa autoconfiante e autônoma torna-se cada vez mais longa e complicada quando a sociedade se especializa, pois aumentam as exigências feitas a seu autocontrole consciente e inconsciente.

Em outras palavras, o desenvolvimento da sociedade rumo a um nível mais elevado de individualização de seus membros abre caminho para formas específicas de realização e formas específicas de insatisfação, chances específicas de felicidade e contentamento para os indivíduos e formas específicas de infelicidade e incômodo que não são menos próprias de cada sociedade.

Para sentir um pouco mais dessas práticas sociais e culturais em nosso Estado, buscamos no passado uma combinação de fatores que culminaram nesse pólo cultural que

Curitiba almejava se transformar. Assim, voltamos aos primórdios do século XX e procuramos esmiuçar como se deu o desenvolvimento do ensino superior em Curitiba, ou melhor, buscamos caracterizar as razões da criação da primeira universidade do Paraná e também de algumas instituições de ensino superior isoladas.

## INSTITUIÇÕES PARANAENSES NO CONTEXTO

“Passou-se a sentir cada vez mais a necessidade da implantação de cursos acadêmicos profissionais de nível mais avançado, havendo apenas em funcionamento a Escola de Indústria e Artes, fundada em 1886, de recursos limitados e mal amparada. A carência de escolas superiores entravava o progresso do Estado e a melhoria do meio cultural. Esse, na sua parte mais selecionada, era bastante restrito, cingindo-se quase que exclusivamente a um míngua número de profissionais liberais formados principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, para onde os genitores das famílias mais abastadas enviavam seus filhos de maiores aspirações para estudar e se formar, e aos poucos membros do clero secular e regular.

...

Aos 19 de dezembro de 1912, em duas assembléias, a primeira de caráter ordinário, às 13 horas, reunindo a comissão organizadora e a quase totalidade dos professores arrolados para os diversos cursos, e a outra pública e solene, às 19 horas, ambas no recinto do Congresso Legislativo do Estado, era fundada a Universidade do Paraná.”

Ildefonso C. Puppi

Conforme Wachowicz (1983), para que os paranaenses tivessem confiança e fé no futuro, era preciso que sua sociedade dispusesse de mais *massa crítica*. Eram poucas as pessoas formadas nascidas no Paraná.

O primeiro reitor da Universidade do Paraná, Vitor Ferreira do Amaral, fez esse levantamento em 1915, constatando que havia no Estado apenas nove médicos nascidos na região: cinco na Lapa, dois em Curitiba, um em Paranaguá e um em Palmeira. Na engenharia havia apenas quatro profissionais paranaenses: um da Lapa, um de Curitiba, um de Paranaguá e um de Rio Negro. Quanto aos bacharéis de Direito, seu número era mais significativo. Concluía Amaral que o ambiente paranaense era obscuro e por esse motivo *impunha-se a necessidade da criação do ensino superior em nosso Estado*.

Neste sentido, em 1922, a criação e sustentação da Universidade do Paraná objetivava pela federalização, a qual não era vista com simpatia pelas autoridades educacionais federais, porque estas não desejavam que capitais como Curitiba e Manaus, por exemplo, se antecipassem aos próprios grandes centros brasileiros como o Rio de Janeiro. Dessa forma, a Universidade do Rio de Janeiro recebeu todo o beneplácito do governo federal. Wachowicz relata que a criação dessa primeira universidade federal foi um acontecimento artificial, realizado de cima para baixo, sem nenhuma participação espontânea da comunidade docente ou discente.

Já na Universidade do Paraná o ambiente foi bem diverso. Professores com tempo quase integral, sacrifícios de carreiras profissionais, vibração intensa do corpo docente e sobretudo do discente, apoio integral do Governo do Estado e municipalidade e mais do que tudo, participação efetiva de toda a comunidade. Entretanto, a visão estreita de uma centralização administrativa quase pôs tudo a perder no Paraná. Esse fato, juntamente com a má vontade do Governo Federal para com a Universidade do Paraná, haveria de ser um posicionamento contínuo.

Esse retrato inicial da sustentabilidade federativa da Universidade do Paraná indica as dificuldades políticas pelas quais passariam seus idealizadores.

Somente com a queda do regime do Estado Novo é que se modificaram substancialmente as relações entre o Paraná e o Governo Federal. As relações entre as autoridades educacionais regionais e federais deixaram de ser meramente protocolares.

O Decreto Federal nº 9.323, de 6 de junho de 1946, reconhecia oficialmente a existência da Universidade do Paraná. Com a restauração, Vitor Ferreira do Amaral foi mantido simbolicamente no cargo de Reitor, para significar a continuidade da mesma universidade, desde 1912.

Todavia a federalização ocorreu somente anos mais tarde, em 1950, cujo reitor, na época Flávio Suplicy de Lacerda, transformou-se no arauto da campanha pró-federalização.

Inicia-se, assim, corroborando Wachowicz, um novo e significativo período da história da Universidade do Paraná.

## A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

“A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, fundada em 26 de fevereiro de 1938, é uma Faculdade livre, mantida pela União Brasileira de Educação e Ensino, organizada de conformidade com as leis federais que regem o ensino superior, e constituída pelos Departamentos de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Pedagogia, tendo por finalidades as expressas nos arts. 4 e 5 dos seus Estatutos.”<sup>9</sup>

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi fundada em 26 de fevereiro de 1938, como informa a epígrafe, sendo federalizada como unidade integrante da Universidade do Paraná pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950.

Essa Instituição, inicialmente, foi constituída como uma faculdade livre, mantida pela União Brasileira de Educação e Ensino e reconhecida pelo Governo Federal (Decretos nº 5.756 de 4-6-1940 e nº 6.411 de 30-10-1940). Teve como modelo a Faculdade Nacional da Universidade do Brasil, compreendendo quatro secções fundamentais e uma especial:

1ª) Secção de Filosofia, constituída de um curso ordinário: Filosofia;

2ª) Secção de Ciências, constituída dos cursos de Matemática, Química, Geografia e História, e Ciências Sociais;

3ª) Secção de Letras, constituída pelos cursos de Letras Clássicas, Letras Neo-Latinas e Letras Anglo-Germânicas;

4ª) Secção de Pedagogia, constituída pelo curso de Pedagogia, e Secção Especial, constituída pelo curso de Didática.

O curso de Matemática, de acordo com o Anuário de 1940-1941 dessa Faculdade, foi reconhecido pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 6.411, de 30 de outubro de 1940. Entretanto encontramos, na Ata da Reunião do Conselho Técnico Administrativo da Instituição de 22/11/1939, a decisão de aprovar a abertura de exame vestibular para o Curso de Ciências Matemáticas para o ano letivo de 1940. Isso mostra que era dada como certa, pela Instituição, a aprovação para o funcionamento do referido curso.

Esse curso teve como proposta inicial a duração de três anos sendo constituído com a seguinte seriação de disciplinas:

---

<sup>9</sup> Artigo 1º do Regimento Interno de 1940. Suas finalidades primaciais são:

1ª) Formar professores para o curso secundário e superior;

2ª) Dar aos estudantes ensino de se especializarem, conforme suas aptidões individuais;

3ª) Colaborar com institutos oficiais congêneres para a difusão da educação nacional e generalização da alta cultura intelectual do Brasil.



1ª série: Análise Matemática; Geometria Analítica e Projetiva; Física Geral e Experimental.

2ª série: Análise Matemática; Geometria Descritiva e Complementos de Geometria; Mecânica Racional; Física Geral e Experimental.

3ª série: Análise Superior; Geometria Superior; Física Matemática; Mecânica Celeste.

Segundo o Regimento Interno dessa Instituição, ao aluno que concluir seriadamente o curso ordinário será conferido o diploma de Bacharel; e ao bacharel que concluir regularmente o Curso de Didática será conferido o diploma de Licenciado.

O Curso de Didática foi planejado com duração de um ano e constituiu-se das seguintes disciplinas: Didática Geral; Didática Especial; Psicologia Educacional; Administração Escolar; Fundamentos Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação.

Nos Anuários de 1940-1941 e 1942 dessa Faculdade, encontramos na lista do corpo docente, como professores catedráticos, alguns professores que fizeram parte da constituição inicial da Sociedade Paranaense de Matemática:

Prof. Dr. Valdemiro Teixeira de Freitas – Estatística Geral e Aplicada – Natural de Alagoinhas, Bahia, 13-5-1894, diploma de engenheiro civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná. Catedrático, por concurso, de Mecânica Racional na Faculdade de Engenharia. Catedrático, por concurso, de Matemática no Colégio Estadual do Paraná. Principais obras publicadas: “Movimento dos Cometas” (tese), “Da Comparação das figuras Geométricas” (tese).

Prof. Dr. José Bittencourt de Paula – Complementos de Matemática – Natural de Curitiba, 27-1-1911, diploma de engenheiro civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná.

Prof. Dr. Flávio Suplicy de Lacerda – Análise Matemática e Análise Superior – Natural da Lapa, Paraná, 4-10-1903, diploma de engenheiro civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas. Principais obras publicadas: “Flambage”, “Grafistática e Resistência dos Materiais”.

Prof. Dr. Algacyr Munhoz Maeder – Geometria – Natural de Curitiba, 22-4-1903, diploma de engenheiro civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná. Catedrático da Faculdade de Engenharia do Paraná e do Colégio Estadual do Paraná. Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas. Principais obras publicadas: “Álgebra Elementar”, “O Conceito de Número”, “Lições de Matemática (5 séries), “Intuição e Lógica”, “Espaço e Tempo”, “Fundamentos da Teoria da Relatividade”.

E ainda no Anuário de 1942 registramos três turmas constituídas no curso de Matemática, conferindo que o referido curso teve início em 1940. Na turma do 3º ano

(ingressantes em 1940) havia 7 alunos matriculados; na turma do 2º ano (ingressantes em 1941) havia 6 alunos matriculados e na turma do 1º ano (ingressantes em 1942) havia 23 alunos matriculados, sendo que 4 desses estavam optando pela cadeira de Física.

Com relação ao acervo bibliográfico em Matemática constatamos, por meio do Anuário de 1943, através das obras consultadas, que o mesmo era incipiente. Para Clóvis Pereira da Silva, a primeira biblioteca especializada em livros sobre Matemática e Estatística fora iniciada em 1958 pelos membros do Centro de Ensino e Pesquisas de Matemática e Estatística do então Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná.